

Entrevista com Clara Corleone: “O feminismo é fundamental para a conquista de uma cidade, um estado, um país melhor” *

*Interview with Clara Corleone:
“Feminism is fundamental for the
conquest of a city, a state, a better
country”*

Edcleberton de Andrade Modesto**

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Juliane Vicente***

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil

**Doutorando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Mestre em Teoria da Literatura. E-mail: edcleberton@gmail.com

***Doutoranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: julianevicenteautora@gmail.com

Escritora e atriz, Clara Corleone é autora do livro: *O homem infelizmente tem de acabar* (2019). Desde 2017 comanda um sarau literário com seu nome que ocorre mensalmente em Porto Alegre, reunindo artistas, jornalistas e outros escritores, e divide seu tempo como produtora no estúdio Otto Desenhos Animados, na ONG Minha Porto Alegre.

Poderia descrever como está a sua rotina nesse momento de pandemia? O que mudou?

É uma não rotina... tem dias ótimos, em que consigo levantar muito cedo, produzir, fazer ginástica, caminhar com minhas cachorrinhas na rua, ler, escrever, tomar sol, ver um bom filme, manter a casa limpa e organizada - e dias em que só pensar em fazer qualquer uma dessas atividades me deixa aturdida. Como eu tinha três empregos antes da pandemia - como auxiliar financeiro em uma produtora, hostess em uma casa noturna e coordenadora de uma ONG - e uma vida social bem agitada, o choque foi muito grande. Tudo mudou.

De que modo a cultura tem contribuído em sua rotina nessa quarentena e de quem está ao seu redor? E, qual o papel da arte em um mundo em crise evidenciado pela pandemia?

A arte tem me salvado e salvado a maior parte das pessoas que está ao meu redor. Li mais de trinta livros esse ano, a maior parte deles já durante o período de isolamento, e trocar impressões sobre eles com amigos tem me movimentando muito - e também me aliviado desse horror, porque mergulho na leitura e esqueço do resto do mundo. Também passei a assistir mais séries - sempre preferi os filmes - e a pensar e produzir conteúdo sobre elas. O que antes viraria conversa de bar se transformou em vídeos que gravo e posto no Instagram, abrindo canal para esse diálogo com quem quiser assistir. Os livros, os discos e os filmes sempre foram uma parte fundamental da minha vida, e a pandemia só sublinhou isso. Seria impossível atravessar esse período sem consumir arte. Espero que todos reconheçam isso.

Como a pandemia afetou a sua produção crítica e/ou ficcional?

A consequência da pandemia, o isolamento social, me “obrigou” a escrever mais. Alguns projetos foram levados adiante porque tenho muito tempo disponível. Além disso, muitos editais foram abertos - ainda bem! - o que fez com que eu corresse para desenvolver alguns projetos que estavam na gaveta. É aquele papo, a necessidade é a mãe da invenção.

No Brasil, as mulheres vêm travando batalhas intensas para conseguirem um espaço no mercado editorial e, consequentemente, como escritora apreciada pelo público-leitor. Mediante este aspecto, como você vê a realidade atual do país para estas escritoras? Você acredita que houve avanço nesse quadro, ou ainda existe um atravancamento? Para você, qual a maior batalha que uma escritora trava no exercício de sua profissão?

Eu não lembro onde li uma pesquisa que aponta que um dos poucos setores que cresceu no mercado editorial foi o dos livros feministas. Quando passo na frente das livrarias do meu bairro, vejo vitrines cheias de livros escritos por mulheres - e fico muito feliz! Parece que essa mentalidade - de que escritoras não seriam sérias, de que apenas homens escrevem coisas relevantes, de que existe uma literatura de mulherzinha, inferior,

etc - está sendo derrubada pouco a pouco. Ao mesmo tempo, ser escritor no Brasil não é fácil. É basicamente impossível se sustentar escrevendo livros. Isso é complicado para o escritor e para a escritora, mas a gente sabe que, igual a tudo na vida, para as mulheres as coisas são sempre mais difíceis ainda. O que me preocupa são mulheres que sequer conseguem escrever, seja pela tripla jornada, seja por não acreditarem que tem algo relevante a dizer. Acho que a maior batalha que nós enfrentamos é a da síndrome de impostora. Julgamos demais os nossos trabalhos - seja escrevendo ou fazendo qualquer outra coisa.

Em outra entrevista, concedida ao Jornal Gauchazh, você se posiciona como feminista e esquerdista, no seu livro tal posicionamento também fica claro a partir do enredo e tom irônico utilizado. Como surgiu a ideia para pôr em pauta tais temas? Como você vê o feminismo nesse contexto? Você se vê como uma feminista desconstruída em construção? E, qual a importância da discussão que estes temas tem para ti mediante o contexto sócio-político brasileiro atual?

Na verdade, o meu livro já estava escrito. Quando o convite para publicar foi feito pela editora Zouk, eu selecionei textos escritos no Facebook entre 2014 e 2019, e essa escolha não foi pensando em passar uma mensagem assim ou assada, eu apenas escolhi os textos que mais gostava. Eu falo sobre feminismo nas redes desde 2011, então é natural que isso se sobressaia no livro, mas não foi de caso pensado. Eu acho que, como escreveu Chimamanda, temos que ser todos feministas. Para mim, é inconcebível uma pessoa não defender o feminismo, acho uma coisa de outro planeta. E é preciso colocar as ideias e os ideais do movimento nas ruas - não apenas nas redes - e conseguir obter direitos e melhorias para todas as mulheres, seja através do terceiro setor, seja pelo poder público, seja pela sociedade civil organizada... no público, no privado. A primeira luta, para a feminista brasileira, precisa ser a do enfrentamento da violência que sofremos. Erradicar o feminicídio, garantir o aborto seguro. Observar sobretudo quais mulheres são mais atravessadas por esse tipo de violência e arranjar uma forma de ajudá-las, seja ela qual for. Não ficar apenas no âmbito da hashtag e do “textão”. Acho muito angustiante o que estamos passando no Brasil, acho muito agonizante ver o quanto andamos para trás em pouco tempo do governo Bolsonaro. O feminismo é fundamental para a conquista de uma cidade, um estado, um país melhor. Uma cidade segura para as mulheres é uma cidade segura para todos.

Você tem algum escritor/a ou gênero literário preferidos? E por quê?

Eu adoro ler biografias - especialmente de mulheres - e acho que isso acontece porque os primeiros livros que li quando era criança eram no formato de diário, relatos ficcionais - o diário da fulana, o diário do beltrano. Tenho muitas biografias de estrelas de cinema dos anos 20 aos 60. Gosto bastante, sempre procuro em sebos. Eu também prefiro os romances do que os livros de contos e crônicas - gosto de passar o maior tempo possível com os personagens! E não tenho um gênero preferido - embora tenha muitos romances policiais em casa, pois meus autores preferidos são o Rubem Fonseca e a Patrícia Melo. O que cair na minha mão e me prender, eu leio.

Como você caracteriza o seu processo de descoberta do ofício de escrita a publicação do primeiro livro?

Eu sempre gostei de escrever, mas meu negócio quando era mais nova era atuar. Sou formada em arte dramática, amo atuar, e acho que via a escrita como uma atividade secundária, um hobby... minha “transformação” para escritora foi tão fluída, tão natural.

Por conta dos textos publicados no Facebook começaram a surgir uns convites, fui publicando em alguns lugares, então fui convidada para comandar um sarau literário e, de um dos encontros, surgiu o convite do livro. O convite foi feito em março de 2019 e, em setembro, ele estava finalizado. Eu sempre brinco que foi uma gestação e um parto tranquilos.

Para você, qual o prazer da literatura?

Acho que eu não vejo a literatura nem mais como um prazer, mas como uma necessidade. Não imagino a minha vida sem ler livros tanto quanto não imagino sem escrever. Adoro conhecer novas histórias, visitar personagens queridos, descobrir coisas que desconhecia, aprender, conhecer novas culturas... aquela frase batida de que ler é viajar sem sair do lugar é batida por um motivo. Sou apaixonada por livros, por bibliotecas. Fui criada por uma família de leitores. Para mim, não existe um mundo sem livros.

Mediante o contexto de um Brasil marcado pelo desmascaramento, o qual revelou uma crescente onda marcada pelo ódio, egoísmo, e desprezo pelo próximo, principalmente nesse momento de quarentena. Para você, qual a importância da afetividade e dos laços afetivos neste momento?

Eu realmente acredito que o afeto é revolucionário. Sou uma pessoa muito carinhosa, é muito esquisito não poder abraçar as pessoas, beijar os amigos. Claro que existem coisas milhões de vezes piores do que não poder abraçar a mãe da gente, mas isso me afeta bastante. Na minha família, parece que ficamos mais unidos ainda. A gente se fala diariamente pelo nosso grupinho no Whats, uma forma de matar as saudades. Essas conversas - que às vezes são muito sérias, cheias de links importantes, e às vezes são repletas de memes e bobagens - me ajudam muito. Sempre que não estou me sentindo legal, eu também peço ajuda para os amigos, mando mensagens. A gente se liga, faz chamada de vídeo, desabafa, se abraça de longe... as coisas se tornam mais suportáveis.

Quais são seus projetos futuros?

Eu estou envolvida em dois projetos que foram contemplados pelo FAC Digital RS - um como dramaturga e outro como apresentadora. Eles sairão do forno ainda em 2020 - meu sarau, "Sarau da Clara Corleone" em versão digital e o podcast ficcional "Músicas para remendar o coração", em parceria com a artista e amiga Bruna Paulin. Além disso, estou desenvolvendo dois romances, um chamado "Porque era ela, porque era eu", que conta a história de duas mulheres envolvidas com o mesmo homem, e o "Um conto de Carnaval", uma paródia com o "Um conto de Natal", do Dickens, onde uma mulher, não podendo brincar Carnaval naquele ano, recebe a visita de três espíritos carnavalescos - e todos eles são personagens de filmes brasileiros dos anos setenta. Além disso, tenho tocado três projetos em parceria com a Ah Tri, produtora cultural: o meu sarau virtual - foi a Ah Tri que nos inscreveu no edital antes mencionado -, o programa "Todas as mulheres do mundo" que apresento com a crítica de cinema Juliana Costa e o podcast "As maratonistas", sobre séries antigas, apresentado com a atriz e diretora Catharina Conte.